

**“ESSA TERRA MERECE NOSSO AMOR”: COMEMORAÇÕES DO
CENTENÁRIO DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA E ADMINISTRATIVA DE
ITUIUTABA NA IMPRENSA LOCAL (2001)**

Autor: Leonardo Silva Oliveira
Estudante do Curso de História - FACIP/UFU
e-mail: leonardoliveir@hotmail.com

Orientador: Jiani Fernando Langaro
Professor do Curso de História - FACIP/UFU
e-mail: jflangaro@pontal.ufu.br

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a pesquisa, em desenvolvimento, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em História – Licenciatura e Bacharelado, cursado na FACIP/UFU –, que analisa as celebrações públicas do centenário de emancipação política e administrativa de Ituiutaba – ocorridas em 16 de setembro de 2001 –, na imprensa local.

O interesse pela temática das memórias públicas do município de Ituiutaba surgiu através da releitura de um livro que havia recebido de presente no ano de 2001, quando fazia a antiga terceira série (atual quarto ano) do ensino fundamental. Trata-se do livro de história **Ituiutaba conta a sua história**, de Carmen Dalva Cunha Côrtes, voltado ao público infantil, lançando originalmente em 1971. Em 2001 foi reeditado para as comemorações do centenário de emancipação política e administrativa de Ituiutaba.

A intenção do livro é bem clara, como a própria autora ressalta no início, na “nota da autora”:

Partindo do princípio que “toda história infantil deve ser educativa, instrutiva e recreativa”, quis presenteá-las com a história verdadeira de sua terra [...]. “Sentir o que fizeram os grandes antepassados equivale a tomar o compromisso de os continuar na história”¹

Ou seja, voltado as crianças, a obra quer “educá-las”, “instruí-las” e ao mesmo tempo ser recreativa. Pretende que as crianças reconheçam seus antepassados e os grandes líderes do passado, e continuem suas lutas pelo “progresso” no presente.

Constantemente no livro é citado os grandes benfeitores da cidade e é atribuído a eles participação no “progresso” local, como no trecho abaixo:

No princípio do século XX, já era apreciável o meu progresso. As ruas alinhadas pelo Padre Ângelo, que era ao mesmo tempo condutor de almas, político, engenheiro e juiz, ostentavam diversas casas de sólida construção.

O comércio e a pecuária desenvolviam-se.

Naquele tempo reinava muito a ordem. As famílias eram unidas e tinham grande preocupação com o progresso local e o bem-estar da comunidade².

Notamos que neste pequeno trecho, é construída uma Ituiutaba do início do século XX totalmente harmoniosa. Uma cidade progressista, onde as famílias eram unidas por um bem maior: “o progresso da cidade”. Padre Ângelo é o grande benfeitor, contribuindo com a urbanização e ao mesmo tempo guiando as almas dos moradores. Somente em uma pequena parte, já notamos que a palavra “progresso” se repete duas vezes. Durante toda a obra, este conceito é norteador da explicação da história do local. Outro aspecto importante é o estilo narrativo da autora: o narrador da história é a própria cidade, como nos diz o título do livro. É a própria cidade contando sua história.

Como mencionado acima, esta obra foi relançada em 27 de setembro de 2001³, para os festejos do centenário. Aos passos que a ideia de uma pesquisa analisando a forma como este livro - e também outras obras de memorialistas - contavam a história da cidade foi amadurecendo, fui percebendo como estas questões, presentes na década de 1970, nos trabalhos dos memorialistas da região, ainda apareciam nas comemorações do centenário, ano a ano de 2001, não totalmente iguais, mas com diversos ecos das mesmas concepções, o que sugere sua permanência.

Este livro, **Ituiutaba conta a sua história**, juntamente com outras obras, como: **História antiga de Ituiutaba**, de Aloisio Silva Novais, de 1974; **Através de realidades**, de Aldaiz Muniz de Freitas de 1973; artigos da Revista **Acaiaca**, lançada após as comemorações do cinquentenário da cidade, em 1953, entre outras obras, compõe o corpus documental utilizado para “resgatar” a história da cidade e “contá-la” em diversos momentos dos festejos ao longo do ano de 2001.

A partir disso, o projeto de pesquisa foi ganhando novas formatações e o recorte temporal acabou por delimitar-se pelo ano de 2001. Surgiram, então, novos problemas: qual seria o objeto de análise? Foram produzidos muitos materiais ao longo do ano, e devido ao recorte de uma monografia ter de ser bem específico, escolhemos a imprensa como objeto de estudo.

Os dois principais jornais que circulavam na cidade na época, ambos produzidos na cidade, eram o **Diário Regional**, um jornal já consolidado, no seu 36º ano de circulação, tendo participação na esfera pública da cidade desde 1965 e o **Jornal do Pontal**, circulando desde 1996, estando no seu 6º ano de circulação em 2001.

A escolha pela imprensa enquanto objeto se deu porque o tema do centenário foi muito presente nas discussões dos meios de comunicação impressos na cidade durante todo o ano. Percebe-se a cobertura das comemorações vendo notícias nos dois jornais, sobre a formação da Comissão do Centenário (nomeada pelo prefeito Públio Chaves); lançamentos de livros e revistas; lançamento de murais (com imagens referentes ao centenário); projetos em escolas, projetos de iniciativas privadas que faziam menções ao centenário; torneios de futebol, concursos, dentre outros.

Outro elemento que nos chamou muito a atenção foram as edições comemorativas, que circularam no dia do aniversário de 100 anos do município – 16 de setembro de 2001. O *Diário Regional* dedicou 71 páginas à sua edição especial enquanto o *Jornal do Pontal* dedicou 85. Tratando-se de jornais que circulam em edições normais com a média de 10 a 16 páginas, notamos o grande investimento nessas edições. Inclusive a do *Jornal do Pontal* possui diversas folhas coloridas. Podemos supor a existência de embates e disputas entre os dois jornais, pela veiculação da melhor edição.

Notamos, ainda, que o tema do centenário foi muito importante durante todo o ano. As comemorações não se restringiram ao dia 16 de setembro, mas sim ao ano todo, de janeiro a dezembro.

Como referencial de nossas análises, entendemos o conceito de história como experiência do homem e um campo de possibilidades; cultura como todo um sistema de significações e lutas, não sendo algo restringido a população letrada, e política como uma multiplicidade de formas de poder contidas em estratégias de subordinação e controle social⁴.

Como trabalhamos com a forma que o passado é lembrado na página dos jornais, é necessário que se reflita sobre a construção das memórias oficiais. Para isso utilizamos a discussão de Michael Pollak sobre a “Memória, esquecimento e silêncio”⁵. Para este autor, a memória dita “coletiva” não está totalmente distante da “subterrânea”. A “memória subterrânea” é aquela transmitida no seio familiar, são memórias que

passam despercebidas porque muitas vezes são proibidas, inaceitáveis pela sociedade. Estas memórias encontram-se articuladas, para Pollak.

Para que uma memória represente um determinado grupo, seja ele uma cidade, um povoado, um estado ou nação, ela tem que tentar abarcar as memórias subterrâneas de forma que as pessoas se identifiquem com ela. Não se muda a memória de um grupo sem que os indivíduos tomem a iniciativa. Do contrário, o grupo não se identificará mais com seu passado, o que causam cisões no coletivo.

O autor também nos propõe a substituição do conceito de memória oficial pelo de memória enquadrada. A memória enquadrada seria aquela que faz recortes nas diversas memórias dispersas de modo a colocá-las num único lugar, metaforicamente poderia se representar recortes em um quadro. Cada pequeno recorte colocado ali é uma parte do todo, dessa memória que supostamente pertence a todos do grupo.

Ao mesmo tempo que este conceito é central para pensarmos os jornais, também nos utilizamos de bibliografia metodológica específica, a qual problematiza o uso dos impressos como fonte histórica.

Nos amparamos nas reflexões elaboradas por Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto⁶ para isso. As autoras nos alertam que o pesquisador tem que possuir a clareza de que as fontes impressas não foram feitas para a pesquisa histórica, utilizá-las “é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico”⁷.

É proposto por elas um rompimento com a história linear e evolucionista dos meios de comunicação. Não se deve perder de vista a articulação da imprensa e seu desenvolvimento, mas não devemos limitá-la a isso. Devemos analisar cada produção em seu contexto, nas lutas sociais em que atua. “Nessa concepção propõe-se, no estudo da imprensa, um deslocamento que nos conduza da história dos meios de comunicação para o campo da história social”⁸. O que propomos é justamente isso, analisar os jornais ituiutabanos no seu contexto de produção, sem propor alguma linearidade na história da imprensa.

Outro aspecto importante é tratar o jornal como parte constitutiva do social. Ele não está acima da sociedade quando fala dela, muito menos representa uma ideologia aparte da sociedade que é veiculada ali, nem mesmo é um reflexo da sociedade. Ele atua na sociedade, modela pensamentos, valores, bem como dá diagnósticos do espaço e do tempo.

Os impressos articulam projetos próprios e de terceiros, tudo sob a ótica da diretoria, dos financiadores, patrocinadores, etc., dos jornais. Articulando compreensões da temporalidade, os jornais também podem tentar instituir memórias, propor diagnósticos do presente, articulando, assim, passado/presente e futuro. Metodologicamente é assim que abordaremos a imprensa.

Por fim, para se trabalhar com a comemoração, nos amparamos em Silvio Lofego,⁹ que as entende como lugar de estudo dos processos sociais de construção da memória. O espaço das comemorações não é homogêneo, integra posições diversas, gerando conflitos e disputas no interior das instituições encarregadas de promover os festejos.

O autor também chama a atenção para como o passado é apropriado no âmbito dessas comemorações, nos mostrando o caso do IV Centenário da Cidade de São Paulo (1954), quando diversos festejos foram produzidos para celebrar a memória de uma cidade vencedora. Todo o passado foi utilizado, com referencial no mito bandeirante, para mostrar um presente imponente, uma cidade moderna e em desenvolvimento na década de 50. A imprensa, neste sentido, é entendida pelo autor como fundamental na divulgação, e até mesmo na articulação e construção dos festejos.

Devemos notar, então, como a cidade é construída no âmbito dos festejos de aniversário. Como é lembrado o passado, com quais funções ele é representado, o que é construído no presente da cidade.

Todos os autores são de fundamental importância para referendar a metodologia do trabalho. Porém, não devemos esquecer-nos, como Maria do Pilar Araújo Vieira, Maria do Rosário da Cunha Peixoto e Yara Maria Aun Khoury bem apontam de articular a teoria com a problematização das fontes. Deve-se problematizar e formular hipóteses sucessivamente, priorizando o diálogo entre teoria e fonte. A teoria é útil enquanto reflexão, mas a partir da leitura e do diálogo com as fontes, ela está em constante reformulação e crítica¹⁰.

As informações sobre os dois jornais são poucas, mas conseguimos identificar que o periódico **Diário Regional** circula na cidade desde 1965, tendo sido intitulado como *Cidade de Ituiutaba* até meados dos anos 1980/90¹¹. A direção do jornal era de Benjamin Dias Barbosa e Ruy do Nascimento. Nos anos 1990 até o ano de 2004, com o nome modificado, já encontramos na direção Jorge Miguel Júnior. Até o dia 17 de novembro de 2004¹² o mesmo permanece na direção. No dia seguinte, já vemos o nome

de Adriana O. Andrade Miguel¹³, esposa do diretor anterior. A edição do dia 2 de dezembro do mesmo ano é a última edição existente do jornal nos arquivos, o que nos leva a supor que é a data do fechamento do jornal.

Em 2001, este jornal circulava diariamente, de terça a sábado, possuindo regularmente de 10 a 16 páginas. Como seu título afirma, o jornal se propõe a ser um Diário da Região, portanto sua circulação se dava nas seguintes cidades, a maioria delas compondo a região do Pontal do Triângulo Mineiro: Capinópolis, Santa Vitória, Cachoeira Dourada, São Simão, Centralina, Gurinhatã, Iturama, Canápolis, Ipiaçu, Flor de Minas, Campina Verde, Prata, Uberlândia, Belo Horizonte e Brasília.

Na hemeroteca da Fundação Cultural de Ituiutaba, os únicos jornais que encontramos durante o período de 1965 até 1996 são o *Cidade de Ituiutaba/Diário Regional* e o *Município de Ituiutaba* (entre 1966 a 1971). Este último é um jornal oficial da prefeitura que não possui periodicidade definida, encontram-se arquivadas apenas algumas edições escassas. Este órgão oficial da prefeitura circulou durante a gestão do prefeito Samir Tannús (1966-1970) e o início da gestão do prefeito Álvaro Otávio de Andrade (1971-1973), o que leva a crer que foi algo próprio da gestão do prefeito Samir Tannús.

Acreditamos, então, que até 1996, com o surgimento do **Jornal do Pontal**, a hegemonia da imprensa escrita na cidade de Ituiutaba era do jornal **Cidade de Ituiutaba/Diário Regional**.

Quanto ao **Jornal do Pontal**, como mencionado, o mesmo passa a circular na cidade a partir do ano de 1996, sob a direção de Eduardo da Silva Maia. O jornal também demonstra no nome uma pretensão de abranger a região, circulando também em várias cidades, como: Santa Vitória, São Simão, Capinópolis, Ipiaçu, Cachoeira Dourada, Gurinhatã, Canáolis, Centralina, Araporã, Monte Alegre de Minas, Prata, Campina Verde, Iturama, Limeira do Oeste, Carneirinho, União de Minas, Brasília, Belo Horizonte e Uberlândia. Percebemos que em 2001, o jornal ainda não possuía uma circulação fixa. Notamos uma média de 4 edições por semana sem dias fixos, também com um número de páginas que vai de 10 a 16.

Trabalhamos então com jornais concorrentes. Um provavelmente já consolidado na cidade, **Diário Regional**, e outro, **Jornal do Pontal**, buscando espaço na imprensa de Ituiutaba e região a partir da segunda metade da década de 1990.

Algumas constatações sobre as celebrações do centenário de emancipação de Ituiutaba

Notamos que as comemorações do centenário foi um tema muito presente na agenda pública do município de Ituiutaba, tanto é que foi montada uma Comissão na Prefeitura Municipal, através da Fundação Cultural de Ituiutaba, para se construir as celebrações¹⁴, sendo que o prefeito Públio Chaves nomeou os participantes¹⁵. Através de uma leitura inicial do **Jornal do Pontal** de janeiro a dezembro, podemos identificar a articulação de diversos projetos para as comemorações divulgados pela imprensa. Serão listados os que foram identificados abaixo:

Projetos articulados pela Comissão do Centenário

1. EXPOPEC (Exposição das Potencialidades Econômicas) especial em Setembro em comemoração dos 100 anos do município.
2. Concurso para escolha do slogan e do logotipo do centenário.
3. Monumento em homenagem ao centenário (Minas Gerais c/ rua 18).
4. Desfile do Centenário (7 de setembro).
5. Busto do Senador Camilo Chaves na Casa da Cultura (atual MUSAI).
6. Tentativa de reedição da revista Acaiaca (lançada em 1953).
7. Projeto Murais.

Projetos articulados pela iniciativa privada

1. Lançamento da Revista Projeção em homenagem a cidade.
2. Cartões telefônicos CTBC com pinturas sobre a cidade.
3. Projeto Memória Local (CTBC Telecom).
4. Exposição "Histórias de Nossa Terra" promovida pela CTBC Telecom.
5. Reexibição da peça "Ituiutibro" pelo grupo MECA.

Projetos articulados por instituições de ensino privadas e pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura

1. "Ituiutaba 100 anos de amor e progresso" - Projeto da Escola Municipal "Prefeito Camilo Chaves Junior".
2. Projeto do Colégio Santa Teresa: Mostra Cultural "Ituiutaba 100 anos"
3. 5ª semana de história da UEMG.
4. Livro sobre as administrações municipais, artistas e "historiadores" da cidade organizado numa parceria UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais) com a SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura).
5. Concurso Fotográfico Centenário de Ituiutaba (SMEC, Caixa Econômica Federal, Conservatório Estadual de Música, Junisse Cine Foto).
6. XXIV Jogos Estudantis do Centenário de Ituiutaba "Prof. Uilton Roque Teixeira" (SMEC).

7. Relançamento do livro "Ituiutaba Conta a Sua História" (1971).
8. Torneio de Futebol Centenário de Ituiutaba - SMEC.

Notamos, então, a existência de 20 projetos diferentes durante o ano de 2001 para se homenagear a cidade e celebrar o centenário. A imprensa participa ativamente na articulação e divulgação desses festejos, comemorando os 100 anos da cidade emancipada. Notamos até mesmo o grande investimento nas edições comemorativas dos jornais que circularam no dia 16 de setembro, o dia do aniversário. Como mencionado anteriormente, os jornais circularam com mais de 70 páginas, onde se vê muita publicidade, textos sobre a história da cidade, homenagens.

Todo esse material levantado nos leva a algumas problematizações: qual é a memória que estão celebrando e construindo ao lembrar destes 100 anos de história do município? Qual é a cidade que eles constroem no ano de 2001 e, conseqüentemente, a cidade que eles aspiram?

Essas questões tem norteado as reflexões do trabalho com o objetivo que se consiga compreender a dinâmica das efemérides e a participação do jornal nelas, tentando colocar em pauta como o processo de comemoração está intrínseco com a produção da memória: algumas pessoas e acontecimentos são lembradas em detrimento de muitos esquecimentos. Quem são estes esquecidos, será que as comemorações representaram a todos? Estas são questões que possivelmente não conseguiremos esgotar na discussão e nas respostas, mas muito importantes para a execução do trabalho.

NOTAS

¹ CORTÊS, Carmem Dalva Cunha. **Ituiutaba Conta a Sua História**. Ituiutaba: EGIL, 2001, p. 9-10.

² *Ibidem*, p. 52.

³ JORNAL DO PONTAL, Ituiutaba, nº 959, 27 de setembro de 2001, p. 101.

⁴ VIEIRA, Maria do Pilar Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha, KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, 2007

⁵ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1998, p.3-15.

⁶ CRUZ, Helorisa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, história e imprensa. São Paulo, n.35, dez. 2007.

⁷ *Ibidem*, 258.

⁸ *Ibidem*, 257.

⁹ LOFEGO, Silvio Luiz. 1954 - A cidade aniversariante e a memória coletiva: o IV centenário da cidade de São Paulo. **Projeto História**, São Paulo, n.20, abr. 2000, pp. 301-314.

¹⁰ VIEIRA, Maria do Pilar Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha, KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, 2007, p. 43.

¹¹ Ainda não foi possível definir o tempo certo da mudança, devido a falta de amostragens do Jornal entre os anos 1980 e o início dos anos 1990 na hemeroteca da Fundação Cultural.

¹² DIÁRIO REGIONAL, Ituiutaba, nº 7594, 17 de novembro de 2004, p. 1.

¹³ DIÁRIO REGIONAL, Ituiutaba, nº 7595, 18 de novembro de 2004, p. 1.

¹⁴ DIÁRIO REGIONAL, Ituiutaba, nº 6952, 20/21 de janeiro de 2001, p. 11.

¹⁵ JORNAL DO PONTAL, Ituiutaba, nº 818, 06 de março de 2001, p. 01.

BIBLIOGRAFIA

CORTÊS, Carmem Dalva Cunha. **Ituiutaba Conta a Sua História**. Ituiutaba: EGIL, 2001

CRUZ, Helorisa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, história e imprensa. São Paulo, n.35, dez. 2007, p. 253-270.

LOFEGO, Silvio Luiz. 1954 - A cidade aniversariante e a memória coletiva: o IV centenário da cidade de São Paulo. **Projeto História**, São Paulo, n.20, abr. 2000, pp. 301-314.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1998, p.3-15.

VIEIRA, Maria do Pilar Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha, KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, 2007